

THE DOORS

recontado por Chico Brinati



MOJO
BOOKS

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

The Doors
THE DOORS
recontado por
CHICO BRINATI

OUTUBRO DE 2008
VOLUME 79

MOJO
BOOKS

The Doors
THE DOORS
recontado por
CHICO BRINATI

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**
PROJETO GRÁFICO: **DELFIN**
REVISÃO: **DANILO CORCI**
CAPA DESTA EDIÇÃO: **BRUNO D'ANGELO**



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Break on through (to the other side)
2. Soul kitchen
3. The crystal ship
4. Twentieth century fox
5. Alabama song (Whisky bar)
6. Light my fire
7. Back door man
8. I looked at you
9. End of the night
10. Take it as it comes
11. The end

THE DOORS
THE DOORS

LANÇAMENTO: **1967**
SELO: **ELEKTRA**



THE DOORS

CENA 1: BREAK ON THROUGH (TO THE OTHER SIDE)

Interna. Apartamento. Noite, luz baixa. Rapaz jogado sobre o tapete de uma sala pequena. Câmera close em seu rosto, focando aos poucos o cenário ao fundo, em segundo plano.

Com a batida da porta, ela saiu. Eu fiquei. Gritei muda a sua ausência. Entendia, mas não me conformava. Arremessei verdades na parede. *(Câmera solta, se joga sobre as fotos do casal sobre a mesa de estar)*. Na angústia, persegui, no chão da sala, seus passos pelas esquinas. Estaria na porta me esperando? Não. Onde estava? Devassei lugares em meus pensamentos. Desbravei a cozinha, percorri lençóis pelo quarto. Iludi-me com um passado de reconciliações. Foi o suficiente. Sua partida era a única verdade.

Eu já não fazia parte dos planos de Camilla. Precisava fugir. Fingir? Já estava acostumado. Troquei a vida de jovem-rebelde-estudante-de-cinema por uma “a dois”. Larguei o amor à vida, pelo amor da vida. *(Travelling pelas fotos do jovem estudante até as fotos do casal. Volta o movimento e refaz.)*. Pra garantir o pão nosso de cada dia, segui os conselhos de uma prima, fui ser contador. Não de histórias, de números. *(Plano da mesa na sala, passeia a câmera de uma xícara de café até uma calculadora.)* Fazer

cálculos. Levava a vidinha assalariada do bom moço, o maridão correto. Ela não: ousou. Buscou melhorar a receita em outros braços. Fazer o quê? Extravasar aquela mentira.

Nunca compreendi, sempre me acomodei. Por que eu, Jayme Douglas, criado na ditadura de um pai coronel e de uma mãe submissa, deixara o acaso tomar as rédeas do meu destino? Saí. (*Efeito: personagem deixa, em cada degrau, uma parte de seu corpo.*) Larguei fingimentos pelos andares do prédio. Precisava escapar dali. Viriam atrás de mim? Sim.

CENA 1A. INTERNA/EXTERNA. NOITE. SAÍDA DO PRÉDIO

Devo apressar-me. Esconder-me entre becos, quem sabe em bueiros. Procurei um ponto de fuga em meus pensamentos. Sempre vinha o mesmo lugar: o bar do centro, parte baixa.

(Câmera deriva “louca” entre becos escuros, bueiros sujos e congela numa imagem de um bar.)

Na maioria das vezes, o dia destrói a noite. As minhas noites aniquilavam o dia. *(Divide tela: de um lado o marido, a fase atual, dia ensolarado; do outro, o jovem estudante, seu passado, madrugada escura. Quadro do marido invade noite do rebelde. Os dois se misturam.)* A vontade de ser, sem nunca estar. Precisava buscar o outro lado, esquecido num passado perdido entre contas, casa e papai-mamãe. *(Divide tela de novo. Entra poesia escrita num papel amassado.)*

“Estava envelhecendo a cada minuto,
os anos que ainda nem sei.

Na falta de alguns amigos,
na busca de sonhos antigos,
de noites de choro dormido,
parece que os dias nunca vêm.

Em horas, sou menino.

Em minutos, brigo por ser alguém.

Em segundos, lembro que a vida ainda resiste,
em me provar ser ninguém.”

Era isso. Era ninguém. (*Tela cheia. Imagem sem o personagem que volta aos poucos, em fade.*) Treze anos com uma mulher que me era estranha. Com uma alegria que não vinha. Mas mantinha o figurino de jovem cineasta, sem rodar um único filme. Cansei de encenar. Cansei. Cansei do All Star vermelho. Da calça de veludo. Da jaqueta *jeans* surrada. Do cabelo enrolado. Do olho azul. Dos *hollerits* e impostos. (*Close em cada detalhe.*) Quero viver a madrugada, dormir o dia. Pegar uma *long neck* pra alongar a noite.

Sinto-me tentado a esconder esse eu. Romper com o presente. Ir ao passado mais-que-perfeito. Lembrar da bela atriz, Aline... Pequena atriz, onde buscava acalanto e inspiração. Roteiros poéticos e românticos para um único papel. Da vida que esperava, que realmente seria feliz.

As luzes da noite ofuscavam os meus pensamentos. (*Iluminação muito forte, estoura.*) Já não me lembrava do agora. Já não gritava mais. A parte baixa da área central era a cena perfeita do filme não escrito.

Corta para:

CENA 2: THE CRYSTAL SHIP

Externa. Noite. Rapaz sentado numa mesa de bar. Não está muito a vontade.

Difícil era recomeçar. Já não brindava a noite de forma prazerosa. Era mais um estranho. Perdi a intimidade. Ganhei rugas. E não era o único. Nas calçadas e mesas, experientes figurantes de longas e curtidas madrugadas.

Na minha mesa, dois lugares. A solidão me fazia companhia. *(Take clichê de casal, mas sem ninguém do outro lado.)* Escutava suas angústias, sem poder compartilhá-las. Em outros tempos, estava rodeado de companheiros, garotas e bons papos. “Onde foram todos?”, perguntava-me de forma irônica. Respondi com uma interrogação. Meus amigos me trocaram por mulheres. Minhas mulheres, por amigos. Aos poucos, todos se foram. Inclusive Camilla. Deparei-me com um eu sozinho. Como não conhecia. “Prazer, Jayme.” Só, me compreendia menos. Cobrava-me mais.

A noite corria a passos lentos. Eu não andava mais do que um copo de cerveja. *(Close no copo americano, cheio com cerveja e bastante espuma.)* A tranquilidade da ex-companheira me intrigava. Onde andaria Camilla?

Será que as dúvidas amorosas foram esclarecidas? As dívidas morais foram pagas em suaves prestações?

(Divide tela, com guardanapo onde o personagem escreve:)

“Precisarei de uma cerveja.

De uma chave para guardar meus segredos.

De adrenalina e camomila.

De Bic e papel.

De Grapette e Mirabel.

De ser um conquistador barato, mesmo que isso me custe caro.

De menos horários e mais tempo.

De largar tudo para a última hora, sabendo que resolvo em segundos.

De bem mais que um dia qualquer, daqueles de jornal e café.”

(Volta para tela cheia, imagem do personagem refletida nos “gomos” do copo americano.)

A bebida me dava um leque de possibilidades pro amanhã no agora. Agora, e quando chegasse o amanhã?

(Abre para: plano geral do bar. Cerca de dez pessoas.)

Gostava do local. Tinha belas e sinuosas mulheres. Rapazes aprazíveis. Belas mulheres! No alto de meus trinta e três anos, ainda roubava um ou outro olhar. Mesmo que por insistência.

Lembrava da época áurea da faculdade. De quando era o popular. “O talento que pode revolucionar as telas, de transformar pornochanchadas

em clássicos”. O novo Glauber. Mil idéias à mesa do bar. Zero películas a filmar.

(Flashback: personagem jovem, cercado de amigos, bebidas e risadas)

“Os amores entornados na mesa de bar
saudades das noites em que me embriagava de sono,
dormia em conversas de álcool alheio,
paixões superficiais e conselhos que
convenciam a todos, menos a mim.”

(Corta para carreira de cocaína sobre a pia no banheiro do bar. Detalhe para frases escritas na parede de apologia às drogas e frases de letras de “Doors”.)

Tinha parado com as drogas. Tinha. O convite parte como um ato social. “Venha!” Como... eu? Sim, eu. E vou. Só até o banheiro. Os desejos ocultos deslizavam no inconsciente. O jovem sonhador. A pequena musa. O coração sem marcas.

(Movimento de câmara acompanha, em close, o canudo aspirando o pó. Volta para: mesa de bar. Várias pessoas circundam o personagem.)

Eram boas pessoas. Só não falava muito. Preferia ouvir. Tinha mania de levar os frames da vida, como fragmentos de um grande e inacabado roteiro.

(Conversa incompreensível. Mescla a cena do papo com frames de fotos de seu passado, que estão na mesa-de-estar do seu apartamento.)

Precisava roteirizar o novo. Uma lente filtrada. Uma viagem por um belo sorriso de cristal. (*Efeito slow, câmera primeiríssimo plano, passeando em cada detalhe do corpo da jovem.*) Ali, em frente. O olhar relutava em escapar. Ela era magra. A modelo. Daquelas que nunca destruirá uma cena. Um instante com ela e não haveria nenhum rasgo, nenhum medo, nem anos arruinados. Tudo estará salvo. Retorno ao jovem Jayme. (*Efeito: personagem rejuvenesce.*) Aluno de cinema iludido por um beijo carnal com a pequena Aline, a grande atriz. Uma ficção dirigida por uma raposa em pele de cordeiro. Ela buscava as grandes produções. Quisera eu ter um estúdio, mas não tinha. Minha câmera mini-dv não permite mais delongas.

Precisava encontrá-la de novo.

Corta para:

CENA 3: ALABAMA SONG (WHISKY BAR)

Externa. Bar. Parte baixa da rua Batista de Oliveira. Madrugada suja...

A boemia levou-me aos piores sets do submundo. Interpretava papéis de Tarantino no corpo de Woody Allen. Passatempo era escrever poemas em guardanapos sujos. Sempre fui o que poderia ser bom. O melhor aluno da classe. Os mais inteligentes argumentos. Um futuro brilhante. E tentei. Só não contava com as drogas. Para uns, um futuro Deus da poesia barata, do cinema sujo, pra outros um boêmio endêmico. Acabei não sendo nem um, nem outro. Fui mais do mesmo.

Alguém disse que “se as portas da percepção fossem abertas, tudo apareceria ao homem como realmente é, infinito”. E assim eu levava a juventude, ao infinito. Mas o meu infinito teve seu fim quando conheci Camilla.

(Close na boca do personagem.)

Gole de cerveja. Limpei a boca com as costas da mão esquerda. Não era de costume. Escutei uma história sobre desejos femininos. Era uma bela menina. Falava de balas e baladas. *(Close na boca da menina falando, divide tela com o close da boca do personagem.)* Baboseira o amor eterno, dizia-me a pequena. Outro gole, mais tenso. Pedi um uísque. Era a minha cachaça. A

única que mantive nos tempos de reclusão. O que eu seria?

— Cineasta! — respondi de apronto. *(Sobe som da fala do personagem.)*

Ela sorriu saborosamente. Um resto de bebida escorreu pelo queixo. Outro gole. O gelo no fundo do copo queimava seus lábios. Um beijo, os seus desejos. *(Intercala as bocas até o beijo.)* “Opa!” Me segurei. Aquilo não era de costume. São vários flashes embaçados rítmicos. Passos desordenados. *(Acelera o ritmo da ação com vários flashes dos outros no bar, da mesa, das bebidas, da cocaína no banheiro.)*

“Cadê minha menina? Cadê Aline? Cadê Camilla?” O que, ali, fazia?

Deveria morrer. Trair não fazia parte do *script*. Mas ela se foi? Era um novo-velho personagem: o abominável Jayme.

Corta para:

CENA 4: LIGHT MY FIRE

*Externa. Noite. Imagens de uma jovem sem mostrar o seu rosto (Aline).
Imagens de outra jovem (Camilla) mais recatada, também sem rosto.*

Sempre sonhei com a pequena atriz. Aline era o nome. Foi buscar papéis no Rio de Janeiro. Nunca mais vi. Passei mais de uma década com Camilla. Vendo-a todos os dias.

(Divide tela com: personagem escreve outra poesia em guardanapo.)

“E se o que espero, não vier?

Fico com o que estou?

Largo o pouco que tenho?

Engano os informados?

Grito com os abobados?

Tremo com os exaltados?

Desculpo os manipulados?

Redijo os rabiscados?

Corro pra qual lado?”

Corri pros bares da Batista. Era o lúdico do amante esquecido.

(Volta tela cheia. Panorâmica em slow das redondezas do bar.)

“Jogo pra perder?
Lembro pra esquecer?
Eu mais você?”

Não. Amo a atriz. Não quero voltar a passar as camisas de botão. Não sei como calcular as colheres de pó de café. Sempre amargava. Ainda sei servir uísque. “Uma ou duas pedras?” Torcia por essa repentina explosão de Camilla. Aguardando o momento de me livrar. De voltar a ser eu. De me sujar com as malícias do submundo. Ensurdecer com as risadas da madrugada. *(Flashes de imagens das camisas de botão amassadas, pó de café, xícara de café, copo de uísque, pedras de gelo no uísque. Volta para cena do beijo entre personagem e jovem do bar.)*

Era um beijo. Uma nova boca. Uma enroscada de troncos. Deus, como?

Eu estaria mentindo se dissesse que ela não sabe como provocar. Deve ter o quê? Vinte, vinte e cinco no máximo. Mas apertava com as unhas descascadas os meus ombros como se pudesse abrir o meu peito para o novo. Para o fogo. *(Cena picante entre os dois, filtro na lente da câmera dá sensação de fogo, calor na imagem.)*

Corta para:

CENA 5: I LOOKED AT YOU

Externa/Interna. Noite. Bar. Restos da noite...

Recebera o convite irrecusável. Confesso que pensei. “Ah, foda-se!” Deixei o bar. Três cervejas, uma dose de *cowboy* e um cigarro. O cheiro? Cortesia. Chegara à conclusão que, dali em diante, meus passos seriam definidos só até a hora seguinte. Destino: a Rua Santo Antônio, nada mais.

(Contra-plongé dos dois caminhando pela rua, de costas, detalhe para o céu.)

O caminho era curto, porém custoso. A lua, minguante. O céu nublado. Vésperas de maio.

Não podia retornar. Era uma viagem sem volta. Estava de novo na pele do estudante Jayme. Cara a cara com um passado. A volta do seu reino. Um Calígula do século 20. Os prazeres efêmeros. A segunda chance. Podia, sim, por que não?

(Corta para: Interna. Prédio. Porta de apartamento. Depois: entra apartamento.)

Eu olhei para ela. Ela sorriu. Não entendia o motivo da graça. Não podemos voltar. Na verdade, já estávamos um pouco atrasados.

- Belo apê.
- Obrigada. Bebe algo?
- Gim... com soda.

O gim me deixava safado. Ou seria a soda? Um som da velha agulha no LP. Algo como um raro Marília Pêra cantarolando músicas brasileiras. Susurros ao ouvido. Trilha sonora pra ela se mexer sobre o lençol como uma serpente. Destilando hormônios. Eu já não ligava o real com o momento. O antes ao depois. Só não lembrava de Camilla. Sua vida. Sua rotina.

- Gosta de Secos e Molhados?
- Não sou muito fã do Ney... Prefiro *blues*, dos anos cinqüenta.
- Vem, vou te mostrar um lugar.

Levou-me ao banheiro e não atendeu às minhas preferências.

O banho refrescante, como os gelados do verão. “Leve, como leve, pluma, muito leve, leve...”. Esquecera de pousar. Ela sorria. A espuma tocava os mesmos lugares que eu. Era espinho se comparada ao meu toque. Menina, sonhava casar. Eu, homem, não lembrava de menina alguma.

Só da pequena Aline. Não importava. Naquele instante, amava a jovem do banho, do bar. Um “te amo, pequena” abre todas as portas. Os falsos, então, nem se fala. “Não é mesmo, Camilla?” — perguntava a mim mesmo com um leve sarcasmo. Os piores pecados são perdoados com meia dúzia de Ave-Marias.

Corta para:

CENA 6: THE END

Interna. Noite. Quarto com cama de casal. Os dois estão deitados...

Ela adormeceu. Ainda deitado, descanso. No meu peito, cabelos suados e o perfume natural do prazer. Precisava disso. Sonhara com isso. Estava confuso sobre o que esperava de mim.

(Divide tela com texto:)

“Fizera dele o que não soubera. E o que podia fazer, não o fez.”

(Volta tela cheia. Clima romântico.)

Ela revira na cama.

— Amor! Acorda, amor..

Acordar pra quê? Ah, pra vida! O rosto não me era estranho. Vinte anos? Vinte dias? Vinte horas? Quanto tempo estaria ali? O suficiente para, agora, ser notada. Mas antes, precisava matar Alines e Camillas... Queria me matar. Era uma dor de cabeça incrível. Ressaca de treze anos.

Bastava concluir o *dejà vu*. Sair sem despedir, roubando um cigarro. Num cinzeiro, na cômoda ao lado, um resto de uma noite de ansiedade. Lembra de seus princípios. Tinha uma história qualquer de um relacionamento. Ah, esquece! Queria seguir o roteiro. A brasa na ponta do guardanapo recém

queimado, recém escrito, só não é maior do que a do seu rosto no início da noite. A fumaça tragada penetra em seu passado, quebra barreiras, ultrapassa pulmões. Seus olhos lacrimejam a honra, que sempre achou que tinha. O gosto na boca ferve como imaginara a noite. A tosse de quem recomeça, de um quase principiante, escamoteada.

Ele olha a cômoda ao lado. Uma foto. A foto que vagava em seus pensamentos. O clímax de sua história. *(Foco/desfoco no personagem e na foto sobre a cômoda.)*

— Aline! — gritei — Conhece? *(Câmera com movimentos bruscos entre o personagem e a jovem do bar, na cama, acompanhando o diálogo.)*

— Sim, minha irmã — respondeu-me ainda deitada sobre meu peito.

O passado estava mais que presente.

— Tive a notícia de que foi para o Rio...

— Pois foi. Em busca do sonho de ser atriz.

— E como ela está?

— Morta.

— Morta?

— Suicídio. Overdose de remédios anti-depressivos. Em sete anos, o máximo que conseguiu foi gravar uns curtas universitários como figurante.

Emudeci.

— Você a conhecia? — perguntou a jovem.

— De vista.

Meu coração que era íntimo dela, pensei. Tinha a sensação de ter desperdiçado minhas últimas chances. Como retomar a vida do jovem estudante de cinema, se não existia mais a bela atriz. Suspiro. Música ao fundo, imperceptível até então, começa a ganhar versos e ritmos aos ouvidos. (*Sobe som para:*) “This is the end, my only friend, the end”. A trilha sonora do fim. “The end of our elaborate plans, the end of everything that stands, the end”. Sempre ouvira que tinha capacidade, seria o símbolo de sua geração, um dos líderes. Porém, só ele sabia que não tinha nascido para isso.

“Será sempre só o que tinha qualidades”.

Ela levanta. O cigarro volta ao cinzeiro. Estava satisfeito. A música continua. “Me dá um beijo e vai”. Quem chama é o celular. Maldito. “Camilla!” Maldita. Não resistiria a atender.

— Oi? — atendo.

— Oi. Volta... — atendo?

Não era pergunta. Não era necessário resposta. Desliguei. Fixo o olhar no All Star sujo largado pelo quarto. Tento localizar minhas outras partes. Levanto. Ela volta. Outro beijo. Podia ser a irmã, mas não era a pequena Aline.

— Um café?

“Ai!” pensei. As Camillas, Alines e meninas são as mesmas. Os Jaymes também.

— Não, obrigado. Devo ir.

Estão na porta. Close em seu olhar rubro anil. “I’ll never look into your eyes again...”. Ele nunca mais vai olhar nos olhos do submundo, nos olhos do cineasta promissor. Nos olhos da esperança. Nos olhos de Aline... O estudante Jayme dá lugar ao velho contador. “Pego às oito”. A garota do bar tem uma juventude pela frente. Ele já não tem idade.

A música termina. Ela fica. Ele segue sua vida. A noite continua.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br